



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

MATEUS DA SILVA OLIVEIRA

**PALATALIZAÇÃO DE /T, D/ DIANTE DE // NO PORTUGUÊS BRASILEIRO
FALADO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA MARIA RIBEIRA (GURUPÁ/PA)**

ALTAMIRA-PA
2023

MATEUS DA SILVA OLIVEIRA

**PALATALIZAÇÃO DE /T, D/ DIANTE DE /I/ NO PORTUGUÊS BRASILEIRO
FALADO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA MARIA RIBEIRA (GURUPÁ/PA)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, ênfase em Linguagens e Códigos, da Faculdade de Etnodiversidade, Campus Universitário de Altamira, Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Dias

Altamira-PA

2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
de acordo com ISBD Sistema de Bibliotecas da
Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficcat, mediante os
dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

O48p Oliveira, Mateus da Silva Oliveira.
Palatalização de /T, D/ diante de /I/ no português
brasileiro falado na Comunidade Quilombola Maria
Ribeira(Gurupá-PA) / Mateus da Silva Oliveira
Oliveira. — 2023.
17 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Marcelo Pires Dias Dias
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal do Pará, Campus
Universitário de
Altamira, Faculdade de Etnodiversidade, Altamira, 2023.

1. Variação fonética. 2. Português regional
. 3. Palatalização. I. Título.

CDD 306.44

PALATALIZAÇÃO DE /T, D/ DIANTE DE // NO PORTUGUÊS BRASILEIRO FALADO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA MARIA RIBEIRA (GURUPÁ/PA)

Mateus da Silva Oliveira

Universidade Federal do Pará, Campus de Altamira (mateusoliveiraec@gmail.com)

RESUMO: Este trabalho descreve o fenômeno da palatalização das consoantes coronais /t/ e /d/ no português falado em uma comunidade quilombola do município de Gurupá, no estado do Pará. Trata-se de um processo bastante estendido no português do Brasil, como um todo, mas ainda pouco estudado em comunidades rurais quilombolas. Considera-se um trabalho de abordagem quantitativa, onde ocorreu a transcrição de relatos de experiências (entrevistas) com 12 moradores da comunidade investigada. Os dados obtidos foram codificados considerando grupos de fatores extralinguísticos (sociais) e linguísticos, após a sistematização e triagem dos dados, os mesmos foram submetidos a um processamento estatístico informatizado no software Goldvarb X, que gerou frequências e pesos relativos referentes à interferência dos fatores linguísticos e extralinguísticos considerados na análise. A ocorrência do fenômeno da palatalização é algo presente no falar paraense. O falar paraense se destaca entre os demais falares brasileiros por ter como regra a palatalização destes segmentos consonantais, com um percentual acima de 90%, média similar ao índice encontrado na comunidade investigada.

PALAVRAS-CHAVE: Variação fonética. Português regional. Palatalização.

PALATALIZATION OF /T, D/ BEFORE OF // IN BRAZILIAN PORTUGUESE SPOKEN IN THE COMMUNITY QUILOMBOLA MARIA RIBEIRA (GURUPÁ/PA)

ABSTRACT: This paper describes the phenomenon of palatalization of the coronal consonants /t/ and /d/ in spoken Portuguese in a quilombola community in the municipality of Gurupá, in the state of Pará. It is a process that is quite extended in Brazilian Portuguese, as a whole, but still little studied in rural quilombola communities. It is considered a work with a quantitative approach, in which experience reports (interviews) were transcribed with 12 residents of the investigated community. The data obtained were coded considering groups of extralinguistic (social) and linguistic factors, after systematization and sorting of the data, they were submitted to computerized statistical processing in the Goldvarb X software, which generated frequencies and relative weights referring to the interference of linguistic factors and extralinguistics considered in the analysis. The occurrence of the phenomenon of palatalization is something present in Pará speech. Paraense speech stands out among the other Brazilian speeches for having as a rule the palatalization of these consonant segments, with a percentage above 90%, an average similar to the index found in the investigated community.

KEYWORDS: Linguistic variation, Sociolinguistics. Palatalization.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho trata do fenômeno de palatalização das consoantes coronais /t/ e /d/ no português falado em uma comunidade quilombola do município de Gurupá, no estado do Pará. A palatalização é um processo bastante estendido no português do Brasil, como um todo, mas ainda pouco estudado em comunidades rurais, sobretudo em comunidades quilombolas, daí a importância de estudos como este que se voltam para a descrição e análise de aspectos variáveis de variedades linguísticas específicas, como é o caso do português falado na Comunidade Quilombola Maria Ribeira, no arquipélago do Marajó-PA.

A palatalização consiste no processo fonológico no qual as consoantes adquirem articulação secundária palatal ou mudam seu ponto de articulação primário para a região palatal ou proximidades, geralmente sob influência de uma vogal anterior adjacente (KOCHETOV, 2011). Os resultados aqui discutidos fazem parte do projeto Documentação e descrição Geossociolinguística do Português Brasileiro falado em comunidades das regiões do Xingu e Transamazônica, assim, dentre a gama de fenômenos que foram mapeados pelo projeto, este trabalho apresenta os resultados obtidos na investigação e análise da palatalização de /t/ e /d/ diante de /i/ (Cf. BHAT, 1978; CAGLIARI, 1974; GODINHO, 2022) na comunidade quilombola Maria Ribeira (Gurupá/PA), por dois motivos basilares: a) até o momento não há uma descrição desse fenômeno em comunidades quilombolas na região do Marajó; e b) a palatalização é uma das marcas linguísticas que caracterizam o falar paraense e que o diferencia dos falares de nossos vizinhos do Nordeste e Centro-Oeste do Brasil.

Nesse sentido, destaca-se a importância de mapear o fenômeno em questão, considerando na análise sociolinguística variacionista (LABOV, 1972; TARALLO, 1988) fatores linguísticos e extralinguísticos que nos indicam as condicionantes aí envolvidas, a produtividade do fenômeno frente aos falares urbanos e o possível estágio temporal em que esse fenômeno se encontra, do ponto de vista da mudança linguística.

De forma sumária, podemos entender por *palatalização* a articulação deslocada para cima e ligeiramente posteriorizada de segmentos anteriores, como é o caso das consoantes-alvo aqui analisadas /t/ e /d/, cuja realização ordinária tem como

articulador ativo a ponta da língua e como articulador passivo os dentes superiores, daí serem chamadas correntemente de “consoantes dentais”. Quando, porém, sua ocorrência se dá antes da vogal alta /i/, segmento realizado no palato, é bastante comum que elas se desloquem para cima compartilhando com essa vogal, além do ponto de articulação, um afrouxamento na obstrução da passagem de ar, traço vocálico que lhes confere uma complexidade articulatória a que se chama tecnicamente de *Africatização*, deixando ser puramente oclusivas.

2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS

A Linguística pode ser compreendida como a ciência que estuda a estrutura da língua, abrangendo diversos campos de estudos, dentre eles a *morfologia*, a *sintaxe*, a *semântica*. Além destes campos citados, tem-se ainda, a *fonologia* que se volta às unidades menores da linguística, os *sons*. Deste modo, ao lado da fonologia, temos a *fonética*, esta visa o estudo da produção, propagação e percepção dos sons. Como sabemos, o ser humano não possui um órgão, ou sistema, que tenha como função primária a produção dos sons da fala. Assim, faz uso de diversas partes de seu corpo para produção de seus sons, como por exemplo, os pulmões, traqueia, laringe, epiglote, cordas vocais, glote, faringe, véu palatino, palato duro (ou céu da boca), palato mole, língua, dente, mandíbula, lábios e cavidades nasal.

A figura abaixo nos permite visualizar melhor estas partes envolvidas na produção dos sons:

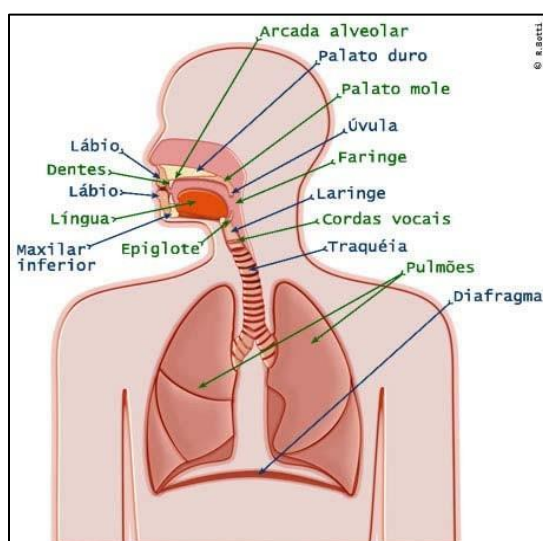


Figura 1. Órgãos envolvidos no processo de realização dos sons. **Fonte:** Oliveira (2003).

Como a pesquisa tem como foco o estudo da palatalização, passemos à observação do trato vocal onde podemos ver os articuladores envolvidos nessa realização. Os articuladores ativos são aqueles que se movem durante a produção dos sons (lábio superior, língua, palato mole), ao passo que articuladores passivos ficam imóveis (lábio inferior, dentes, alvéolos, palato duro). Veja abaixo na figura 2.

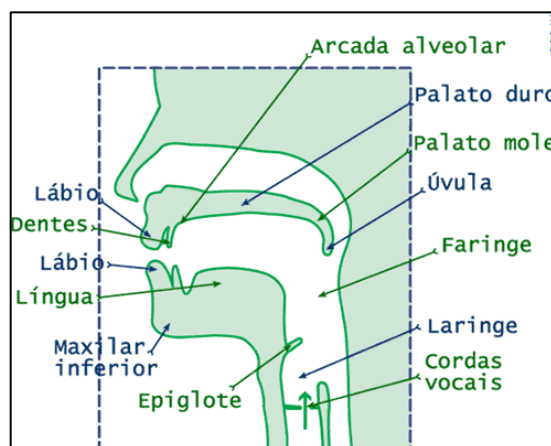


Figura 2. Articuladores ativos e passivos. **Fonte:** Oliveira (2003).

Assim, a partir do modo e de seu ponto de articulação, os sons podem ser classificados. Na Língua Portuguesa temos as seguintes classificações enquanto aos modos de articulação: oclusiva ou plosiva [p, b, t, d, k, g]; fricativa [f, v, s, z, ʃ, x]; africada [tʃ, dʒ]; nasal [m, n, ŋ]; lateral [l] e k; vibrante [r]; tepe [r] e retroflexa: [ɻ, este é o “erre”].

Chega-se então ao ponto de articulação (local), os sons podem ser classificados em: bilabial [p, b, m]; labiodental [f, v]; dental/alveolar [t, d, s, z, l, n, r, ʃ, ʒ]; palato-alveolar [tʃ, dʒ, ʃ, ʒ]; palatal [k, ɲ] e velar [k, g, ŋ].

Como esta pesquisa busca entender a articulação dos sons palatalizados, a figura 3 a seguir mostra de forma ilustrativa o ponto de articulação de [tʃ, dʒ].



Figura 3. Articulação do [tʃ] e [dʒ]. **Fonte:** Oliveira (2003).

Logo, no palato-alveolar os sons são produzidos com a lâmina da língua contra a parte anterior do palato duro, logo depois dos alvéolos.

Assim, através dos fundamentos teóricos da área (BISOL, 1990; ALMEIDA, 2000; PAGOTTO, 2001), foi possível que este trabalho tomasse como centralidade as vertentes linguísticas, e impulsionando que esta pesquisa se afasta-se do modelo de investigação linguística mais centrada em espaços urbanos ou vilarejos, e, partir para o estudo do fenômeno em uma comunidade quilombola Maria Ribeira, Gurupá-PA.

3 METODOLOGIA

A pesquisa aqui apresentada possui caráter quantitativo e partiu da transcrição de relatos de experiência de 12 (doze) informantes estratificados socialmente em idade (18 a 25 anos; 26 a 45 anos e acima de 45 anos), sexo (masculino e feminino) e escolaridade (escolarizados e não escolarizados). Esses informantes foram selecionados conforme os seguintes critérios: ter nascido e vivido na comunidade, ser filho(a) de pais que também aí nasceram e viveram, e não ter se afastado da comunidade de pertencimento por mais de três anos (TARALLO, 1988). O estudo dessa comunidade quilombola esbarra na teoria de que todo estudo da linguagem humana está sempre olhando simultaneamente para a organização das formas linguísticas, e, em paralelo, para a significância social deste estudo (GUY; ZILLES, 2007). Assim, estudar o dialeto de comunidades tradicionais permite entender que a língua de um povo não está livre de variação e, para além desta compreensão, é possível descobrir se o fenômeno estudado é uma variante padrão ou não-padrão;

conservadora ou inovadora; estigmatizada ou de prestígio (TARALLO, 1986).

Inicialmente, os dados linguísticos foram separados em dois grandes grupos, conforme a ocorrência ou não ocorrência da palatalização de /t/ e /d/ diante de /i/. Em seguida a essa primeira triagem, os dados foram submetidos a um processamento estatístico informatizado através do uso do software Goldvarb X (GUY; ZILLES, 2007; SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2015), que gerou frequências e pesos relativos referentes à interferência dos fatores linguísticos e extralinguísticos considerados na análise, informações que fornecem resultados pormenorizados e matematicamente seguros a respeito do comportamento variável das consoantes coronais /t/ e /d/.

De posse dos resultados obtidos por meio do processamento estatístico, que fornece informações precisas sobre a influência de cada fator considerado na análise probabilística do fenômeno em estudo – tanto de forma isolada, quanto em correlação binária e/ou conjunta (envolvendo todos os fatores envolvidos), seja em rodadas randômicas ou combinadas –, passou-se então à apresentação dos dados estatísticos por meio de tabelas, cuja descrição é feita na seção de resultados.

Como já estabelecido na teoria sociolinguística (LABOV, 1970), os usos que as comunidades humanas fazem da língua estão sempre sujeitos a pressões de natureza linguístico-estrutural (imanentes ao próprio sistema linguístico, como incidência de tonicidade, contextos fonéticos precedente e seguinte, entre outros), e de natureza extralinguística ou social (externas à língua, como localização do falante na estrutura socioeconômica, origem rural ou urbana, nível de escolarização, faixa etária e outros).

Assim, seguindo os pressupostos teórico-metodológicos da teoria variacionista (LABOV, 1970; TARALLO, 1986), na presente pesquisa foram consideradas, para efeito de mensuração da ocorrência de palatalização de /t/ e /d/ antes de /i/, duas variáveis sociais (faixa etária e gênero/sexo) e seis variáveis linguísticas (contexto fonético precedente; contexto fonético seguinte; qualidade da vogal-gatilho; tonicidade; posição do fonema alvo no vocábulo e vozeamento do fonema alvo), cujos fatores serão apresentados oportunamente.

3.1 Variáveis sociais

Conforme nos lembra Calvet (2002), não é recente a ideia de que pressões externas aos sistemas linguísticos sempre se fizeram sentir nos usos que as pessoas fazem da linguagem. Deste modo, ao lado de constrangimentos estruturais (vizinhança fonética, incidência de tonicidade, nasalidade, classe morfológica etc.), questões como origem do falante, grupo etário, ocupação, renda, escolarização, entre outros, exercem influências nas práticas linguísticas. Embora essa percepção seja contemporânea do estabelecimento da Linguística como ciência autônoma, desde o final do século XIX, especialmente com Antoine Meillet que a essa época já chamava atenção para a necessidade de se considerar o contexto sócio-histórico na análise linguística, o que prevaleceu foi uma visão formalista da língua como sistema imanente e autorreferenciado, de acordo com a qual o que não pudesse ser explicado por motivações puramente linguísticas estava fora do escopo das Ciências da Linguagem. Foi somente com o estabelecimento da Sociolinguística, em meados do século XX, que se começou a dar atenção a fatores externos à língua como balizas necessárias à compreensão de fenômenos linguísticos em variação, passando-se a considerar a realidade social do falante como fator importante na explicação do seu comportamento linguístico.

Tudo aquilo que servir de pretexto e co-texto à variável, isto é, aquilo que não for estritamente linguístico) poderá ser relevante para a resolução de seu “caso”. A formalidade vs. A informalidade do discurso, o nível socioeconômico do falante, sua escolaridade, faixa etária e sexo poderão ser considerados como possíveis grupos de fatores condicionadores (TARALLO, p. 46, 1986).

Vários estudos, a depender de suas diferentes circunstâncias, podem considerar diferentes variáveis sociais na investigação de determinado processo de variação, seja de forma combinada, isolada ou aleatória. No presente caso, foram consideradas as variáveis sexo/gênero e faixa etária.

Sexo

Para a testagem da interferência dessa variável no fenômeno de palatalização das consoantes /t/ e /d/ antes de /i/, no português falado na comunidade quilombola Maria Ribeira, em Gurupá, no arquipélago do Marajó, foi considerado os fatores MASCULINO e FEMININO, ressaltando que a análise sociolinguística não se baseia em parâmetros anatômicos/biológicos, mas nas diferenças sensíveis nos processos de socialização que produzem diferentes papéis sociais de gênero, criando e/ou

mantendo padrões de comportamento específicos que operam na sociedade em que vivemos. Dessa forma, assume-se que a linguagem, assim como qualquer outra prática humana, é regulada por normas sociais que estabelecem parâmetros sobre como deve ser a fala de uma mulher e a fala de um homem.

Diferentes estudos (ALMEIDA, 2000; BISOL, 1996) têm mostrado que no português brasileiro a variação fonética não é sensível à influência de gênero, fator que interfere bem mais nas escolhas lexicais, na realização de determinadas estruturas morfosintáticas e, sobretudo, na configuração discursiva. Na seção de resultados veremos se isso se confirma para o fenômeno de palatalização em foco neste trabalho.

Faixa Etária

Quanto a esta variável, foram considerados três fatores: Faixa A (+ jovens), Faixa B (velhos) e Faixa C (+ velhos). A esta variável se associam vários pontos importantes da teoria sociolinguística relacionados tanto à variação, quanto à mudança linguística. Freitag (2005) nos lembra que se trata de uma variável extremamente complexa, pois a ela estão relacionados outros aspectos sociais, tais como rede de relações sociais, mercado de trabalho e escolarização, assim, deve-se dispor de uma interpretação de seus resultados precisa e cautelosa.

3.2 Variáveis linguísticas

Conforme já é bem estabelecido na literatura da área (BISOL 1996; CAGLIARI 1974 e LABOV 1972), sabe-se que determinadas circunstâncias costumam exercer pressão estrutural sobre a realização de fenômenos fonéticos variáveis. Vogais altas e consoantes nasais, por exemplo, assim como a tonicidade são fatores altamente propícios a provocarem alterações em suas adjacências. Partindo dessa constatação, ao se examinar um fenômeno tal, é aconselhável testar todas as possíveis interferências a que ele pode estar sujeito, assim, é prudente partir de um nível bem elementar de controle, estabelecendo-se grupos de fatores os mais específicos possíveis. Submete-se esses fatores a uma análise matemática rigorosa para testar sua relevância e verificar a probabilidade de sua influência na realização da regra variável em estudo. Assim, para a presente análise, foram estabelecidos seis grupos

de fatores linguísticos: 1) Contexto fonético precedente; 2) Contexto fonético seguinte; 3) Qualidade da vogal-gatilho; 4) Tonicidade; 5) Posição do fonema alvo no vocábulo e 6) Vozeamento do fonema-alvo.

Na análise aqui descrita, todos os fatores foram inicialmente considerados como possíveis causadores de interferência na realização variável das consoantes /t/ e /d/. Feitas, porém, nas primeiras análises probabilísticas no programa Goldvarb X, vários deles foram descartados. Dos fatores linguísticos, apenas os dois grupos de fatores foram considerados estatisticamente relevantes para o caso em estudo (contexto seguinte e posição do fonema-alvo no vocábulo), a prática de retirada de um grupo de fatores das rodadas probabilísticas está sempre associado ao objetivo final do presente estudo, dado isso, esta escolha se torna opcional mediante análise das primeiras rodadas (GUY; ZILLES, 2007). Do ponto de vista das variáveis sociais, dois grupos de fatores testados se mostraram relevantes: sexo/gênero e faixa etária. Na próxima seção, apresentaremos os resultados estatísticos gerados pelo Programa Goldvarb X, bem como a exegese sobre esses resultados.

4. RESULTADOS OBTIDOS

Nesta seção, discuti-se os resultados obtidos na presente pesquisa, com base nos dados recolhidos de amostras de fala extraídas de entrevistas sociolinguísticas (TARALLO, 1988) com 12 (doze) moradores da comunidade investigada. Dessas amostras, foram separadas as ocorrências do contexto fonético visado (/t/ e /d/ antes de /i/), o que resultou em um corpus de 2470 (dois mil quatrocentos e setenta) casos.

Deste total de ocorrências, 2462 (dois mil quatrocentos e sessenta e duas), em 2304 (em duas mil trezentos e quatro) ocorreu o fenômeno da palatalização das consoantes coronais /t/ e /d/ diante da vogal alta anterior /i/; e em apenas 158 (cento e cinquenta e oito) dados este fenômeno não foi registrado. Em termos percentuais, estes valores representam 93,6% para palatalização e 6,4% para sua ausência. A tabela a seguir nos ajuda a visualizar esse resultado.

Tabela 1: Palatalização de /t/ e /d/ diante de /i/

Fenômeno	Aplicação/Total=Frequência	Peso relativo
Palatalização da consoante /t/ e /d/	2304/2462= 93,6%	0,93

Como pode-se observar, os resultados apresentados na tabela acima indicam a forte presença da palatalização nos excertos de fala extraídos das entrevistas sociolinguísticas realizadas com os moradores da comunidade investigada. A presença de mais de 93% de palatalização nos dados analisados faz referência ao estudo de Godinho (2012) que também obteve mais de 92% de palatalização em seus resultados de estudo da variação das oclusivas alveolares /t/ e /d/. O que demonstra que a palatalização constitui uma regra dominante no falar paraense.

4.1 Variáveis sociais

Os grupos de variáveis extralinguísticas gênero/sexo e idade foram selecionados como grupos estatisticamente relevantes pelo programa computacional utilizado. Vejamos seus resultados nas tabelas abaixo.

Tabela 2: Gênero/Sexo

Gênero	Aplicação/Total=Frequência	Peso relativo
Feminino	1387/2462= 56,7%	0,63
Masculino	1075/2462= 43,7%	0,32

Conforme os dados da tabela 2, vê-se que dos 2462 dados obtidos 1075 foram produzidos pelos informantes de gênero masculino, ao passo que os demais 1387 dados foram produzidos por informantes do sexo feminino. Ao analisarmos a tabela anterior, notamos que a regra da palatalização está presente tanto entre homens quanto entre mulheres, com uma frequência relativamente próxima entre ambos, entretanto os informantes do sexo feminino apresentaram maior presença do fenômeno, com frequência de 56,7%, e um peso relativo de 0,63, o que indica maior probabilidade de realizar o fenômeno. Ao comparar ao estudo de Ribeiro (2018), que

analisou o dialeto de comunidades do interior baiano, nota-se a semelhança da regra de variação apresentar maior índice de presença nas falas das participantes do gênero feminino. Ribeiro (2018) continua, e levanta um ponto de observação importante quanto ao fato de que o gênero feminino poderia estar iniciando o caminho rumo à mudança, o que se confirma na comunidade Maria Ribeira; outro acontecimento que chama mais ainda a atenção é que a variável palatalizada, além de estar mais presente entre as mulheres, também se mostra muito presente entre os informantes mais jovens da comunidade, como veremos na tabela a seguir:

Tabela 3: faixa etária do informante

Idade do informante	Aplicação/Total=Freqüência	Peso relativo
Faixa A - 18 a 25 anos	928/2462= 37,7%	0,61
Faixa B - 26 a 45 anos	1062/2462= 43,1%	0,55
Faixa C - Acima de 45 anos	472/2462= 19,2%	0,20

Quanto a tabela 3, que sistematiza a presença do fenômeno entre os grupos de faixa etária A (18 a 25 anos); B (26 a 45 anos) e C (acima de 45 anos), é possível visualizar que apenas 472, das 2462 ocorrências de palatalização foram produzidas pelo grupo de faixa etária C, com uma frequência de 19,2% e um peso relativo de 0,20. Ao contrário dos grupos de faixa etária A e B, que juntos somam mais de 1990 ocorrências da regra variável, sendo 928 dessas ocorrências produzidas pelos informantes do grupo A, e, 1062 realizadas pelos informantes do grupo faixa etária B. O grupo faixa etária A possuiu uma frequência de 37,7% e um peso relativo de 0,61, enquanto o grupo faixa etária B manteve uma frequência de 43, 1 e um peso relativo de 0,55.

A partir desta análise, percebe-se que os grupos de informantes mais jovens (grupo faixa etária A e B) apresentam maior favorecimento ao uso da variável palatalizada, o que permite pensarmos que esta variação indica a estabilidade da variante palatalizada, já que apenas os mais velhos apresentaram frequência e probabilidade de uso menor em relação aos mais jovens. Entretanto, ao analisar a variável faixa etária é necessário atentar-se para a sua complexidade, visto que a ela estão associadas questões sociais além das já escolhidas no processo de investigação, a exemplo, questões de nível de escolaridade e ocupação.

4.2 Variáveis linguísticas

A tabela 4 tabela a seguir destaca os fatores do grupo *contexto seguinte à vogal alta*, selecionados pela software como relevantes na rodada 24 (a rodada selecionada como ideal pelo software) realizada, este grupo possui no total 33 fatores linguísticos, e apenas 16 fatores foram selecionados como relevantes para a aplicação da regra de palatalização, deve-se destacar que dentre esses 16 fatores, em 09 deles ocorreu *nocaute* (100% para a aplicação da regra de palatalização), sendo o fator consoante nasal dental [n] com 59 ocorrências (dados) e todas com aplicação de palatalização. E tendo a consoante dental surda [t] como fator linguístico com maior peso relativo: 0,78.

Tabela 4: Grupo contexto seguinte à vogal alta

Grupo contexto seguinte à vogal alta	Aplicação/Total=Freqüência	Peso relativo
Consoante dental surda	85/2462= 3,5%	0,78
Consoante bilabial nasal	75/2462= 3,1%	0,76
Vogal alta posterior	44/2462= 1,8%	0,72
Consoante nasal dental	60/2462= 2,5%	0,66
Vogal baixa nasal	73/2462= 3,0%	0,66
Tepe	199/2462= 8,3%	0,65
Consoante dental surda	47/2462= 2,0%	0,62
Consoante labiodental sonora	211/2462= 8,8%	0,62
Consoante dental sonora	38/2462= 1,6%	0,56
Consoante velar surda	52/2462= 2,2%	0,54
Contexto vazio [zero fonético]	201/2462= 8,6%	0,46
Consoante alveopalatal surda	87/2462= 3,6%	0,39
Vogal dental surda	346/2462= 14,4%	0,37
Consoante nasal dental	496/2462= 20,6%	0,31
Consoante labiodental surda	223/2462= 9,3%	0,25
Consoante velar sonora	56/2462= 3,5%	0,23

O que se encontra na tabela 4 é o fato de que a palatalização é favorecida pelo

contexto em que a vogal fonológica /i/ se faz presente. Este resultado se assemelha ao de Ribeiro (2018), que em seu estudo considerou a variação de /t, d/ antes de /i/, (vogal fonológica), e de [i] < /E/ (vogal derivada), porém, seu resultado foi similar ao obtido neste estudo, assim, demonstrando que a vogal fonológica /i/ é a propulsora para a ocorrência da palatalização.

A tabela 5, que traz o grupo *posição do fonema alvo no vocábulo*, apresenta a posição *medial* do fonema na palavra como fator de maior peso relativo selecionado na rodada, tendo seu peso relativo (input) de 0,69.

Tabela 5: Posição do fonema alvo no vocábulo

Posição do fonema alvo no vocábulo	Aplicação/Total=Freqüência	Peso relativo
Medial	744/2462= 30,2%	0,69
Inicial	1510/2462= 61,3%	0,43
Final	208/2462= 8,4%	0,27

Ao contrário do resultado obtido no estudo de Bastillia e Dornelles Filho (2012), neste trabalho o grupo posição do fonema alvo no vocábulo foi selecionado como relevante. O que vale ressaltar é o fato de que mesmo apresentando um peso relativo de 0,69 para a posição medial do fonema alvo, independentemente de todas as posições, a palatalização sempre será desencadeada pela vogal alta fonológica /i/. Ou seja, praticamente não há diferença de aplicação entre as posições do fonema alvo no vocábulo, embora a posição medial favoreça a aplicação da regra. É, portanto, o efeito do status da vogal /i/, e não propriamente a posição da sílaba na palavra, que favorecerá a ocorrência do fenômeno da palatalização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos neste estudo atestam que a palatalização é regra no falar da comunidade quilombola Maria Ribeira, Gurupá-PA. A análise estatística apontou que o fenômeno fonético em questão na comunidade de fala estudada é influenciada pelas variáveis extralinguísticas grupo idade do informante e grupo gênero/sexo, e, pelas variáveis linguísticas grupo contexto seguinte à vogal alta e

pelo grupo posição do fonema alvo no vocábulo.

Assim como muitos outros dialetos brasileiros, o falar paraense é marcado pela palatalização das consoantes coronais /t/ e /d/, com um percentual acima de 90%, conforme já demonstrado por estudos anteriores (OLIVEIRA, 2017; RIBEIRO, 2018). O trabalho corrobora estes resultados: o programa computacional selecionou um *input* (*peso relativo*) de 0,93 para este fenômeno, ratificando a tendência dominante no Estado do Pará.

Esta pesquisa nos permite deslocar a linha de estudo do fenômeno da palatalização no Brasil, já que casos de investigação em comunidades tradicionais, sobretudo quilombolas, ainda são incipientes. Trabalhos como este possibilitam situar o fenômeno da palatalização no falar de uma comunidade tradicional da Amazônia paraense.

Podemos destacar nesta pesquisa a escolha da variante palatalizada por ambos os sexos, e entre os grupos mais jovens faixa A (18 a 25) e faixa B (26 a 45). Com este primeiro mapeamento linguístico realizado, é possível compreender que a variação linguística é sujeita a variações e também pode se estabilizar, assim, ao analisar o presente estágio do português falado na comunidade Maria Ribeira, pode-se concluir que as variantes palatalizadas são conservadoras e seu uso parece estar estabilizado. Não foi possível observar se existe avaliação negativa associada ao uso das variantes dentais.

Por fim, a conclusão desta pesquisa me permite refletir que trabalhos como este, que estudam, quantificam e discutem sobre dialetos, não são obrigados somente a produzir números quantitativos sistematizados em tabelas. Além de observar, identificar e mapear o fenômeno linguístico da comunidade Maria Ribeira, foi possível identificar sujeitos locais que partilham das mesmas experiências culturais e anseios sociais, e, deslocar o campo de estudo da Ciência da Linguagem, saindo dos locais de pesquisa (campo) mais urbanizados e centralizados geograficamente, e partindo a investigações em comunidades tradicionais da Transamazônica do Estado do Pará.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Laura C. B de et CARDOSO, Suzana Alice. **As realizações de /t/ e /d/**

seguidos de /i/ em Salvador e em Rio Real. In: Anais do Gelne. 2000, p. 74.

BATTISTI, Elisa; DORNELLES FILHO, Adalberto A. **Palatalização das plosivas alveolares em Flores da Cunha (RS): variação linguística e práticas sociais.** Alfa, São Paulo, 56 (3): 1117-1149, 2012.

BHAT, D.N.S. **A general study of palatalization.** In: GREENBERG, J. S. (ed.) Universals of human language. Stanford, C. A: Stanford University Press. 1978 v. 2), p. 47-92.

BISOL, Leda. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro.** 2. ed., Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

BISOL, Leda. **A palatalização e sua restrição variável.** In: Estudos lingüísticos e literários. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1986.

CAGLIARI, Luís Carlos. **A Palatalização em Português: uma investigação palatográfica.** 1974. Tese (doutorado) Universidade Estadual de Campinas. Campinas/SP.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica.** Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMARA JR, J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa.** 24 ed. Petrópolis: Vozes, 1970.

COSTA, Celiane Sousa. **Variação e territorialização linguística: um estudo geolinguístico da diversidade lexical em comunidades quilombolas do Baixo Amazonas.** Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2019.

DIAS, M. et al. **O alteamento das vogais pré-tônicas no português falado na área rural do município de Breves (PA): uma abordagem variacionista.** In: Revista de Estudos da Linguagem: ReVEL, Porto Alegre, n.9,v.5, p.01-18, jul. 2007. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/site2007/_pdf/9/artigos/>. Acesso em: 22/11/2018.

FREITAG, Raquel Meister Ko. **Idade: uma variável sociolingüística complexa.** Letras e Línguas: Estudos linguísticos, v. 6 nº 11 2º sem. 2005 p. 105-121.

GODINHO, Cyntia de Sousa. **Variação das oclusivas alveolares no falar paraense**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2012.

GUY, G R; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo:Parábola Editorial, 2007.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad.: BAGNO, Marcos. São Paulo: Parábola, 2009.[1972].

OLIVEIRA, Marco Antônio de. ***Phonological variation and change in Brazilian Portuguese: the case of the liquids***. Tese de Doutorado. University of Pennsylvania, 1983.

OLIVEIRA, Marilucia Barros de. **A palatalização da lateral alveolar /l/ em posição pré-vocálica no falar de Itaituba – PA**. Dissertação (mestrado em Letras Linguística: Linguística) – Univeridade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2007.

RIBEIRO, Marana de Almeida Moreira. **A PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS DENTOALVEOLARES ANTES DE [i] NO INTERIOR BAIANO**. Dissertação de Mestrado. Salvador: Universidade Federal da Bahia., 2018.

SÁ, E. J. de. **Atlas Linguístico quilombola do Moxotó-Ipanema Pernambucano (ALQUIMIPE)**. Relatório de Pós-doutorado. Belém: Universidade Federal do Pará.

SANKOFF, D., TAGLIAMONTE, S. A. SMITH, E. **Goldvarb X: A variable rule applicationfor Macintosh and Windows**. Department of Linguistics, University of T 2005.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1988.

ANEXO 1

ARQUIVO DE ESPECIFICAÇÃO

Palatalização de /t, d/ diante de /i/ no Português Brasileiro falado na comunidade quilombola Maria Ribeira (Gurupá/PA).

Variável dependente: palatalização

A - Não ocorrência

P - Ocorrência

Variáveis Independentes Sociais

Sexo

M – masculino

F - feminino

Faixa Etária

- Faixa A (+jovens)

- Faixa B (velhos)

- Faixa C (+ velhos)

3.0 Variáveis Linguísticas

3.1 Contexto precedente

x – consoante palatal (chápeu/existia)

s – alveolar surda [s] (nordestino)

z - alveolar sonora [z] (desde)

R – fricativa g l o t a l (verde)/fortificar

1 - vogal baixa nasal (ã antes), antigamente)

2 - vogal baixa oral (adiar)

3- vogal alta posterior nasal (untar)

4 - vogal alta posterior oral (útil, ultimamente)

vogal média posterior fechada (odiar)

vogal média posterior (ódio)

@ - vogal média posterior nasal (condições)

vogal alta anterior oral i (sitio)

8 - vogal alta anterior nasal (índio, – individualismo)

9- vogal média anterior fechada (Benedito)

E - vogal média anterior aberta E (prédio)

n - vogal média anterior e nasal (entidade, entendido)

D - ditongo nasal [ei] também

W - glide posterior [w] (Eudes)

g - glide anterior glide [j] (Leide, leite))

%– vazio (dia)

3.2 Contexto seguinte à vogal alta

p – consoante labial surda [p] (tipo)

b - consoante labial sonora [b] (vestibular)

t - consoante dental surda [t] (catita)

d- consoante dental sonora (candido)

k - consoante velar surda [k] (particular)

G - consoante velar sonora [g] (digo)

T - consoante alveopalatal surda [ts] (titia)
 D- consoante alveopalatal sonora [dʒ] (de dia)
 f - consoante labiodental surda [f] (diferença)
 v - consoante labiodental sonora [v] (dívida)
 S - consoante dental surda [s] (satisfeito, condições)
 Z - consoante dental sonora [z] (dizer)
 x - consoante alveopalatal surda [dʒsco]
 g - consoante alveopalatal sonora [ʒ] (dígito)
 R- consoante fricativa [x] (de repente, roupa de renda, fio de rede)
 r – tepe (o r de sentirem)
 m - consoante bilabial nasal [m] (vestimenta)
 n - consoante nasal dental [n] (gelatina)
 N - consoante nasal palatal [nh] (dinheiro)
 L - consoante alveolar lateral [l] (predileta)
 l - consoante palatal oral [] (gatilho)
 1 – vogal baixa nasal [ã] (diante)
 2 – vogal baixa oral [a] (dia, tia,)
 U vogal alta posterior [u] (de ursodiurno)
 - vogal baixa oral [u~] (de untar,
 5 - vogal labiodental surda [o] (pátio, esfatio)
 – vogal média aberta [O] (ódio, pódio)
 - vogal alta anterior [i] (te ignorou)
 - vogal nasal anterior (te impossibilitou)
 9 – vogal média fechada [e] (Diego)
 E - vogal média nasal [ẽ] (te enviei, expediente)
 W- glide posterior [w] (Ediwsom)
 j - glide anterior [j] (direitinho)
 0 - vazío (parti)

3.3 qualidade da vogal alta:

\$ – vogal original [i] Dia)
 & - derivado de [e] (dente, pente, gente)

3.4 Tonicidade

T - tônica (tipo, dívida)
 @ - atona (odiado, artrite)

3.5 Posição do fonema alvo no vocábulo

I - INICIAL (dia)
 M - MEDIAL (adiar)
 F – FINAL

3.6 Vozeamento do Fonema Alvo [t] e [d]

£ - Vozeado/sonora (a corda vocal vibra) – dia, adiar, odio
 # - Desvozeado/surda (as cordas vocais ficam paradas, não vibram) tia, otite, tímpano.